



FOTO: EQUIPE ELLAS

Para entender as mulheres

“SOU COMO VOCÊ ME VÊ. POSSO SER LEVE COMO UMA BRISA OU FORTE COMO UMA VENTANIA, DEPENDE DE QUANDO E COMO VOCÊ ME VÊ PASSAR”
– CECÍLIA MEIRELES

Para se entender uma mulher, você precisa ler Manoel de Barros e saber dissertar sobre o cisco, falar com pedra, dominar a arte das miudezas e deixar o dia em “condições de boca”. Ler Guimarães Rosa para inventar uma língua que só ela entenda. E Miranda July, claro.

Entender que o local onde você coloca a pimenta no seu hambúrguer faz toda a diferença. Experimentar e se deliciar com cada sentido e suas possibilidades. Estudar música, manjar de ritmo, tocar algum instrumento para entender que mulher se move em 3/4 ou 12/8 – igual às músicas de Tori Amos.

Você precisa entender que mulher é coisa feita de chuva, vento, fogo, mar, areia. De terra. De fruta (mulher se come). De cheiro. De guaraná e Viagra (mulher causa ereção). De céu e Sol (mulher clareia). De nuvem. Para se entender uma mulher, é preciso pisar descalço na grama molhada e depois deitar e imaginar seres mais reais que você e eu.

Você precisa entender que mulher não é livro, enigma, mistério, problema matemático, sonho psicanalítico, arquétipo junguiano ou mapa astral. Mulher não se interpreta. Mulher não se resolve. Mulher não se lê. Freud, Sherlock Holmes, Fermat e Harold Bloom não explicam. Se quiser saber, a última coisa que você deve fazer é tentar entender, adivinhar, solucionar ou

“Com todo o perdão da palavra, eu sou um mistério pra mim. [...] E nem eu me entendo, pois sou infinitamente maior que eu mesma, eu não me alcanço. [...] Qual palavra me representa? Uma coisa eu sei: eu não sou o meu nome. Meu nome pertence aos que me chamam.”

–Clarice Lispector

perguntar. Talvez ela mesmo não saiba. Talvez ela fale algo que não é bem certo. Elas não mentem, só alternam verdades (é por isso que com mulher se dança).

Para entender uma mulher, você precisa esquecer o que é uma mulher. É preciso chamá-la sem antes lhe perguntar o nome. Enxergá-la nua. Sempre. Em vez de adivinhar o desejo dela, oferecer o seu. Antes de entender, antes de ler, é preciso saber escrever uma mulher.

Você precisa entender, para se entender uma mulher, que o sabor da picanha só existe dentro da sua boca, que o som das fugas de Bach só nasce quando chega aos seus ouvidos, que a textura da mesa não tem realidade na ausência do toque. Uma mulher não é nada antes de seu encontro com coisas, seres e mundos. Então, para ver o feminino lá fora, é preciso atuar aí dentro. Agir. Para fazer nascer uma mulher, é preciso ser homem.

Para entender uma mulher, enfim, você precisa fazê-la suar, digo, fazê-la sua mulher.

GUSTAVO GITTI COMBINA A FORMAÇÃO EM FILOSOFIA E PEDAGOGIA À SUA EXPERIÊNCIA COM DANÇA DE SALÃO E MEDITAÇÃO BUDISTA PARA AUXILIAR AS PESSOAS A CONSTRUIR RELAÇÕES MAIS LÚCIDAS, PROFUNDAS E CRIATIVAS.



É AUTOR DO BLOG SOBRE RELACIONAMENTOS NÃO DOIS, NÃO UM (WWW.NAO2NAO1.COM.BR)

Ela, Marcela

Faziam quatro anos que Marcela havia aparecido em sua vida. Ele a conhecia como poucos. Seu cabelo castanho claro na altura da nuca, as orelhas finas sempre com grandes e redondos brincos, o rosto fino, o nariz arrebitado, os olhos cor-de-mel, o pescoço macio e cheiroso – ele sabia de cor aquele mapa em formato de Eva. Cada pedaço daquela mulher era um genuíno convite ao amor louco e sem hora para acabar. A pele alva, à meia-luz do quarto de hotel, o sutiã branco com rendas e bordados negros, os mais secretos desejos gritando em seus olhos enquanto ele a puxava para o seu peito. Com a habilidade conferida pela vida, enquanto se embestia da fragância do seu perfume próximo ao seu rosto, com uma mão sentia sua nuca arrepiada e com a outra retirava aquela última peça de seu vestuário, proclamando a liberdade ao seu colo ofegante e pulsante. Seus instintos e todo seu ímpeto feminino correspondiam prontamente ao ato realizado pelo seu benfeitor, à sua frente, como veio ao mundo. Os corpos, em perfeita harmonia, bailavam ao som de uma música composta por sôfregas balbuciadas, palavras sem sentido, declarações de amor eterno e coisas que nunca poderiam ser ditas de cara limpa, no dia-a-dia, pois no mínimo não pareceria correto, ele imaginava. A explosão, os urros, as energias sendo transferidas de uma forma visceral de um corpo para o outro. Seus olhos sem prumo, suas mãos sem lugar para descansar, descabelada, suada, verdadeira, original, natural... sua. A sua vida era perfeita. Ela era perfeita. **E este era o problema.**



LUCAS W. SCHMITT É JORNALISTA MULTIMÍDIA: FOTOGRAFA, ESCREVE E DIAGRAMA A REVISTA ESTAÇÃO